O ex-jogador, hoje com um cargo nas relações internacionais do Inter, espera ver o seu antigo clube de novo campeão e deseja que Domingos seja feliz. Em entrevista, o português mais internacional fala do «trabalho fantástico» de Paulo Bento, das 'guerras' Mourinho-Guardiola, da crise internacional e de muito mais...

- Deixou o futebol há sensivelmente dois anos e meio. Como tem ocupado o seu tempo desde então?

- Basicamente dediquei-me a outras áreas, a começar pelo cargo nas relações internacionais do Inter que, obviamente, não me ocupa tantas horas e dias como quando era jogador de futebol. Isso permite-me ter mais tempo para outras coisas, como a minha fundação, por exemplo, ou a minha família. Tem sido muito gratificante o contacto com novas realidades.

- Vê como hipótese poder continuar ligado ao futebol sem ser como dirigente? Por exemplo, seguir a carreira de treinador?

- Não é uma coisa que, neste momento, me passe pela cabeça ou me fascine... Mas na vida eu considero que nunca se deve fechar portas porque tudo depende sempre das oportunidades, das propostas ou das ofertas que possam surgir... De momento, ser treinador não é algo que me interesse mas não digo que, daqui a uns anos, não venha a fazê-lo. Se surgir alguma proposta de alguma entidade ou sociedade com a qual eu me identifique, se calhar não vou poder ou conseguir dizer que não.

- Quando refere sociedades com as quais se identifique, fala de clubes por onde passou, como Sporting, Barcelona, Real Madrid ou Inter?

- Sim, logicamente que é desses que falo.

- E regressar a Portugal para um cargo dirigente no futebol?

- Quando se fala de voltar ao Sporting ou de me candidatar a presidente da Federação Portuguesa de Futebol tudo não passa de meros rumores. Apenas isso. São, como referi antes, coisas que até podem acontecer no futuro. Mas isso não quer dizer que eu pense nelas como algo que tenho de fazer, como uma obrigação. Eu, acima de tudo, na minha vida sempre decidi conforme as oportunidades que tive em determinados momentos. Nunca fui de pensar

a longo prazo, pois tento viver a vida dia-a-dia.

- Mas vê-se um dia como presidente do Sporting ou da FPF?

- Não tenho objectivos tão ambiciosos. E também acho que são cargos que devem ser ocupados por pessoas com as qualificações certas.

- Acompanha a Liga portuguesa?

- Actualmente, devido aos muitos compromissos profissionais, tenho acompanhado muito pouco.

- Que opinião tem do treinador do Sporting, Domingos Paciência?

- Primeiro que tudo é um amigo. Fez um trabalho fantástico no SC Braga e só espero que seja muito feliz no Sporting.

- E o que acha da renovada equipa de Alvalade?

- A verdade é que não tenho acompanhado bem este início de época em Portugal. Não tenho tido oportunidade de ver jogos mas estou atento aos resultados. Porém, é difícil ter já uma ideia formada sobre os novos jogadores e do modo como estão a adaptar-se ao futebol português e ao Sporting porque neste último mês tenho estado constantemente em viagens de trabalho. Infelizmente não tenho conseguido ver quase nada do campeonato português.

- Mas, como se sente perante os últimos resultados do Sporting?

- Sim, os resultados eu tenho acompanhado. E fico feliz por ver o Sporting a voltar à normalidade, a conseguir vitórias ao nível do que é o Sporting. Estão, finalmente, na parte alta da classificação que é sempre o objectivo do clube. Espero que consiga fazer um bom campeonato e que volte a conquistar títulos. O Sporting é sempre candidato mas tem ficado longe nos últimos tempos. Este ano, parece claramente melhor.

- Espera, então, um campeonato português mais competitivo do que o último?

- Para bem do futebol português, espero que seja mais competitivo, sim. Com quatro ou cinco equipas a disputar o título até ao mais perto possível do final. Isso traria mais suspense, mais qualidade e seria bom para todos.

In abola.pt